

WANDA CUNHA

**NO SEMBLANTE
DO COTIDIANO**

*risos de marés e
lágrimas de um sol-posto*

CRÔNICAS

Editora Penalux, 2020

O PAÍS ESTÁ NU!

Clarice Lispector já dizia que “há várias maneiras de se matar o índio; desde a mais simples, que é a bala de um trabuco aos mais requintados métodos, como interferência maciça na cultura do índio”. E nós dizemos, em tons de segredo, que tudo são prosas de uma romancista intimista. Afinal, quem falou que os índios Ianomâmi sofreram uma chacina neste agosto de desgosto? Serão os mesmos Ianomâmi que, em 1991, com a expulsão dos garimpeiros, tiveram as suas reservas demarcadas em Roraima?

Não gostamos de mexericos, mas todo mundo sabe que depois que os portugueses aqui chegaram, o Brasil perdeu a autonomia sobre o seu território e se deixou carcomer pelo mecanismo da grilagem. Então, percebemos que entre os hectares da discriminação, ser Ianomâmi é apenas um efeito, enquanto ser índio é a grande causa.

Pero Vaz de Caminha, em sua carta, que é na verdade, o atestado de óbito do Brasil, disse que *“a terra é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo por bem das águas que tem”*. E os dominados e dominantes, sob o deleite da terra e suas riquezas, redigiram, nas entrelinhas dos latifúndios, as suas histórias. Os primeiros o fizeram com a tinta

do sangue, da luta e da humilhação; os últimos, com a tinta do poder e da glória.

E o que mais me grila nessa grilagem toda é que o adágio popular continua imune às mutações, quando ratifica que “os últimos serão os primeiros”. Destarte, os índios — que foram os primeiros — continuam sendo os últimos. Por conseguinte, observa-se que nem o rei D. Manuel, nem os atuais governantes leram o que dizia Caminha na mesma carta: “*Porém, o melhor fruto que dela se pode tirar me parece que será salvar esta gente!*”. Mas, o que fizeram com a gente? Roubaram seus costumes, enterraram sua língua e misturaram seu sangue a outros sangues ruins. No final da história, índio estupra mulher branca, comercializa a maconha, vende a madeira clandestinamente, vira, mexe e acontece nesta terra de meu Deus. E, pelo visto, só ele adultera as normas de conduta, além de ser um baita preguiçoso que pinta a cara para esconder as outras caras que tem.

Todavia, a discriminação racial do país gira em torno do negro, que diante da hipocrisia da sociedade, denuncia que os seus mulatos estão sendo rejeitados, enquanto os mamelucos e, até mesmo, os cafuzos, sem direito à denúncia, continuam inexpressivamente esquecidos e moribundos, recebendo a extrema-unção da FUNAI.

A Constituição busca apaziguar o conflito e o controle de terras. Enquanto isso, o índio exige o seu quinhão, uma vez que, dentro da própria sociedade, ele jamais terá a sua reserva demarcada.

O cronista Pero de Magalhães Gandavo, um representante ativo da Literatura de Informação Sobre o Brasil, acentuou que a língua do nativo brasileiro carecia de três letras: F, L e R. Ele acrescentou: “*Coisa digna de espanto, porque assim, eles não têm fé, nem lei, nem rei...*”. E vejam a desordem!... Quando a língua portuguesa tomou conta da boca do povo brasileiro, a letra F deu origem à fome e à falcatrua; a letra L, aos ladrões e a letra R, aos roubos...

Contudo, é o índio quem não presta. Antes, ele sabia pescar, mas aprendeu com os civilizados que já se compra o peixe frito. E, por falar em civilizados, estes não vendem maconha, não matam os semelhantes, não estupram as mulheres alheias. Na civilização, tudo é diferente: as raças são respeitadas igualmente, principalmente no Brasil, onde a Polícia Federal entra em greve por um longo período, enquanto a paz reina em todo território nacional...

...Se uso um discurso irônico é porque vejo que o Brasil está de cabeça para baixo. Já não dá pra dizer quem é quem nesse filme de *cowboy*. Dentro de nossas veias, os sangues se misturam, mas também se digladiam. O branco joga pedra e esconde a mão; o negro fica branco de raiva e o índio está vendo as coisas pretas. Mas, como dizia o grande Oswald de Andrade, tudo foi um erro de português, porque “*quando o português chegou debaixo de uma chuva bruta, vestiu o índio. Que pena! Fosse uma manhã de sol, o índio tinha despido o português*”.

O problema, caro leitor, é mais sério do que se pode imaginar. As terras brasileiras estão sendo passadas ilegalmente

para as mãos de estrangeiros. As multinacionais também disputam com os imigrantes os metros quadrados de nossa cidadania. O nosso país tem sido de gregos e troianos. E, pode até faltar originalidade nesta frase, mas está na hora de alguém dizer que o Brasil está nu!...

GERAÇÃO DOS CARAS DE PAU

Lembram-se da Revolução de 64? Pintem as caras os que foram contra! Abaixem as caras os que foram a favor! Foi uma barbárie de AIS. Durante um longo tempo, o povo brasileiro esperou um mártir ou a ressurreição de Tiradentes. Entrava ano, saía ano... e nós em 1964. E, para o azar da década de oitenta, o mineiro, escolhido a dedo, foi “enforcado” pela infecção hospitalar. Quem assumiu o caos? Não era mineiro. Com um bigode maciço e expressão de intelectual, era um conterrâneo de Gonçalves Dias. Subiu a rampa do Palácio do Planalto: altivo, imponente, emprestando ao smoking a sua elegância...

Aí, o Plano Cruzado cruzou o sucesso, mas foi atropelado na Praça dos Três Poderes pelos empresários. Mais um sonho longínquo, mais uma tentativa absurda; contudo, a melhor ilusão, depois do período das trevas. Pelo menos, a inflação subia, mas arrastava o salário. O povo chorava, mas já podia falar...

Nesse tempo, a democracia foi gerada... Nasceu de sete meses; franzina, desnutrida, foi parar na incubadora, pois merecia sobreviver pela necessidade da situação. Era a única esperança de um país debilitado. Contudo, a imagem

cansou o poder. A democracia não podia sugar o leite que os empresários tiraram das prateleiras dos supermercados...

Nova eleição... Ali, viria um outro pai adotivo para a recém-nascida. Assim, a beleza do futuro presidente contagia o país. O atlético ballet da demagogia exercitava a euforia das massas. O Brasil era um (a) Globo para o menino-propaganda.

Quem era ele? Ex-governador de Alagoas, ex-deputado, ex-filho de senador e outros “ex” dos quais a imprensa teve o cuidado de não se lembrar durante a campanha. Nas barbas do bigode, ele assume o poder. Dá um xeque-mate no tabuleiro do Banco Central. Adeus, sonhos da poupança!... Depois, os escândalos descem a rampa com todos os seus protagonistas. Dois anos de martírio, lacrados pela aparência daquele que já não era novo, nem bonito, nem esbelto.

Adultério toma conta dos ministérios. Legião Brasileira de Assistência, uma legião de gatos e ratos. A aliança cai do dedo... Quem ajunta não é o fura-bolo, nem o cata-piolho; é o maior de todos. A democracia precisou de balão de oxigênio. E o cara é cara de pau. Veio CPI... e tudo por causa do PC... Farias isso? Ninguém acredita! O Pedro collorido devia o que fez, porque o que fez foi em luta do interesse próprio.

É lançado um novo sistema de governo: o impeachment. E o “artista”, pra não sair da forma, fez um regime em cima do trapézio: cai, não cai, cai, não cai... caiu, mas não admitiu. E só deu o braço a torcer no finalzinho do jogo, quando o juiz apitava a partida: goooooool do Brasil!...

Depois, pegamos o Ita no mar, como se já não fôssemos naufragos, sem um plano de governo, sem coisa alguma... Por isso, até a moeda teria que mudar (de novo?). Por último, surge mais um pacote econômico, porém, sem o planejamento. Enquanto isso, os inocêncios são os culpados e os genoinos são genuinamente brasileiros. Fraude no INAMPS!... Acabam o INAMPS e conservam a fraude. A Constituição era parlamentarista e o país presidencialista. E aí, por meio de plebiscito, resolve-se eleger o voto em trânsito. E o povo? Que povo? Aquele que veio de 1964 aos trancos e barrancos até aqui? Ora!... esse — coitado! — continua sob a opressão da fome, da miséria, da seca, da desinformação, da desesperança. E a única coisa que pode fazer, diante de tantos caras de pau rondando o poder, é esperar que dê cupim nas caras.



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Adobe Garamond Pro
para a Editora Penalux, e impresso em papel
off-white 80 g/m², em fevereiro de 2020.
